

# Tradição e saúde e as mudanças nas necrópoles de Pelotas/RS

---

*Tradition and health and changes in the necropolis of Pelotas/RS*

---

**Anderson Pires Aires<sup>1</sup>**  
**Ester Judite Bendjouya Gutierrez<sup>2</sup>**

---

1.  
Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Arquiteto e Urbanista. Endereço: Rua Benjamin Constant, 1359, Centro, Pelotas/RS. CEP: 96010-020.

Contato:  
anderson.pires.aires@gmail.com.

2.  
Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Arquiteta e Urbanista. Endereço: Rua Benjamin Constant, 1359, Centro, Pelotas/RS. CEP: 96010-020.

Contato:  
esterjbgutierrez@gmail.com.

---

## Resumo

O artigo busca identificar na história mortuária possíveis classificações das necrópoles quanto às suas organizações e aos seus costumes. Por meio de estudo sobre as formas de sepultamento no Brasil do século XIX, os cemitérios da cidade de Pelotas foram analisados e agrupados em duas categorias. A necrópole da tradição abrangeu os quatro primeiros campos santos da cidade. Nesse grupo, foram observadas características que perpetuavam as tradições da Igreja, sem uma preocupação sobre os perigos que os corpos em decomposição junto à cidade apresentavam. A necrópole da saúde seguiu determinações para evitar a propagação de doenças, representou um campo santo de Pelotas e utilizou soluções da cidade romana da Antiguidade, adaptadas para auxiliar na organização da necrópole. Com isso, verificou-se que a preocupação com a saúde substituiu a tradição nos campos santos de Pelotas, mudando os locais de sepultamento para evitar a propagação de doenças provindas dos corpos em decomposição.

## **Palavras-chave**

História, necrópole, tradição, saúde, Pelotas.

## **Abstract**

*The article sought to identify in the mortuary history possible classifications of necropolises as to their organizations and customs. Through a study of the burial forms in Brazil of century XIX, the cemeteries of the city of Pelotas were analyzed and grouped in two categories. The necropolis of tradition covered the first four holy fields of the city. In this group, characteristics that perpetuate the traditions of the church were observed, without a concern about the dangers that decomposed bodies near the city presented. The necropole of health followed determinations to avoid the spread of diseases, represented a holy field of Pelotas and used solutions of the Roman city of Antiquity, adapted to assist in the organization of the necropolis. With this, it was verified that the preoccupation with the health replaced the tradition in the holy fields of Pelotas, changing the places of burial to avoid the propagation of diseases coming from the bodies in decomposition.*

## **Keywords**

*History, necropolis., tradition, health, Pelotas.*

## **Introdução**

O destino dos mortos no decorrer da história nem sempre foi o mesmo. Cada cultura apresentou suas próprias particularidades durante as inumações. Dependendo da representação social do defunto ou do que era tradição para determinado grupo de pessoas, elas foram menos ou mais elaboradas. As mudanças culminaram na variação entre a presença dos mortos juntos ou próximos às cidades ou no seu afastamento das aglomerações urbanas em diversos momentos. Locais de enterramento puderam ser observados através de covas rasas cobertas com paus e pedras ainda na pré-história, chegando a grandes construções na Antiguidade. Séculos depois, preocupações com a alma do falecido e seu destino no pós-morte levaram à prática de determinadas tradições.

Sepultamentos dentro de templos religiosos, em campos santos junto a propriedades de terras ou em cemitérios municipais passaram a ocorrer. A tradição de

inumar os mortos próximo aos vivos desconsiderava os perigos que os corpos em decomposição após o enterro poderiam causar. Com isso, novas leis e determinações foram colocadas em prática no século XIX, afastando os mortos das cidades no Brasil, sobretudo após a entrada da cólera. A atitude prezava pela manutenção da saúde dos vivos e pela redução na propagação de doenças em locais com deficiência em saneamento público adequado.

Partindo da premissa de que as necrópoles eram organizadas em função da tradição dos sepultamentos em um primeiro momento e a partir de preocupações com a saúde posteriormente, o presente artigo buscou identificar como essa distinção ocorreu na cidade de Pelotas/RS. Para isso, por meio de uma revisão bibliográfica sobre as formas de sepultamento no Brasil, sobre as necrópoles existentes em Pelotas durante o século XIX, e sobre seu controle por parte das irmandades religiosas, foi possível agrupar os locais de enterros em duas categorias. Uma destinada à tradição de inumações e outra às preocupações com a saúde dos vivos.

### **Necrópoles da tradição**

A região onde instalou-se a cidade de Pelotas começou a ser povoada no final do século XVIII, com o surgimento de estabelecimentos charqueadores que se desenvolveram ao longo do século XIX às margens do Arroio Pelotas e do Canal de São Gonçalo (Gutierrez, 2011). A atividade e a facilidade de escoamento da produção pelas águas auxiliaram na instalação da Freguesia de São Francisco de Paula, em 7 de julho de 1812 (Arriada, 1994). Com isso, registros de nascimentos, casamentos e sepultamentos passaram a ser feitos na capela da freguesia e um local para destinação dos mortos tornou-se necessário.

O Cemitério da Santa Cruz (Figura 1), localizado no encontro da Rua do Passeio com a Rua das Flores (respectivamente, as atuais Av. Bento Gonçalves e Rua Alm. Barroso), recebeu os primeiros defuntos da freguesia e funcionou de 1812 a 1819 (Cunha, [19--]a). Ele representava a tradição de inumações no Brasil durante o século XIX, na qual os defuntos eram sepultados em necrópoles junto às cidades. Em Pelotas, as primeiras encomendações ocorreram no Sítio dos Coqueiros (Nascimento, 1982).

Em seguida, uma procissão percorria as ruas da freguesia carregando o defunto até o campo santo. A tradição era perpetuada pelas Irmandades Religiosas Católicas, que ficavam encarregadas de rezar missas e garantir ao morto o seu enterramento próximo dos vivos.

A representação da morte barroca, com toda a pompa possível para demonstrar a importância do morto (Ariès, 2012) durante os cortejos fúnebres, tinha como destino locais que eram o foco de miasmas. Cada vez que um corpo era conduzido até o campo santo, uma procissão se formava. Os representantes das irmandades, assim como familiares, amigos e outras pessoas sem um vínculo direto com o defunto, ocupavam as ruas em um cortejo que acabava com a monotonia da freguesia e era como uma festividade religiosa aos moradores. Além da tradição de sepultar os corpos nas necrópoles junto às cidades, outro costume foi praticado no Brasil.

O ritual de sepultamentos *ad sanctos* (junto aos santos) difundiu-se pelo Império. Em Pelotas não foi diferente. Após a conclusão da Capela de São Francisco de Paula em 1813 (Nascimento, 1982), corpos passaram a ser inumados no interior do templo religioso. A capela recebeu um total de 75 enterramentos entre 1814 e 1819 (Cunha, [19--]a). Essa prática trazia mais perigos à saúde dos vivos do que as inumações no campo santo da freguesia. Com a colocação dos mortos abaixo das tábuas do assoalho da capela, os defuntos emitiam gases e odores pútridos que infestavam o ambiente.

Segundo Mastromauro (2010), essas emanções no ar provindas dos corpos em decomposição seriam os miasmas que causavam doenças à população e ocorriam em locais com pouca salubridade. Isso acarretou na criação da teoria miasmática no século XVIII, e amplamente seguida no século XIX, que condenava os sepultamentos junto às cidades (Mastromauro, 2010). Diante da percepção dos problemas que essa prática provocava, mudanças na forma de enterrar os mortos e no local onde recebê-los passaram a ser discutidas. A tradição foi, gradativamente, deixada de lado e deu lugar à manutenção da saúde dos vivos. As alterações não ocorreram de imediato. Nem no Império nem em Pelotas.

Ainda no tempo da freguesia, outra necrópole da tradição foi erigida. O Cemitério da Igreja Matriz (Figura

1) recebeu os corpos dos fregueses entre 1820 e 1825 (Cunha, [19--]a). O campo santo erguido nos fundos da ermida concorreu com o interior do templo religioso ao receber os mortos. Mesmo que este tenham ocorrido sete enterramentos entre 1820 e 1823 (Cunha, [19--]a), a maior frequência de inumações se deu no terreno atrás da capela. Ambos os locais perpetuavam a tradição de sepultar os mortos junto às igrejas. Fosse no interior ou em terreno anexo. Pouco importava se a presença dos mortos tão próximos aos vivos poderia provocar doenças. Essa não era uma preocupação que detinha a atenção dos religiosos, das autoridades ou dos fregueses.

A tradição também foi perpetuada em outra ermida, quando em 1823 foi erigida a Igreja da Luz (Figura 1) e, atrás dela, um campo santo foi construído (Cunha, [19--]a). Ele recebia os corpos de quem frequentava a capela ou desejava ser ali sepultado, e funcionou até 1855. Com a presença de outro cemitério, a possibilidade de contaminações da população a partir dos miasmas seria maior. Principalmente quando caminhos e vias se consolidassem no entorno do templo religioso, como o que ocorria na ereção das freguesias (Marx, 1991), e quando os fregueses se tornassem vizinhos da necrópole.

Até esse momento da história de Pelotas, a responsabilidade quanto aos locais de enterramentos era da Igreja. A Irmandade do Santíssimo Sacramento, existente na freguesia desde 1812 (Cunha, [19--]b), garantia a perpetuação das tradições de sepultamentos. Ela também permitia que determinadas pessoas fossem inumadas fora dos campos santos por ela comandados. Desde que essas decisões não depreciassem seu faturamento com o processo de encomendação e sepultamento dos fregueses (Aires; Gutierrez, no prelo – b).

Tais concessões permitiram enterramentos em locais como a fazenda do capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos, a fazenda de D. Isabel de Pelotas e capelas de outros povoados entre os anos de 1812 e 1855 (Betemps; Jaccottet, 2009, no prelo). A tradição era perpetuada, os desejos das pessoas eram atendidos e a Igreja continuava no comando de tudo. Ato de bondade descritos em testamentos, como o sepultamento de escravos mais próximos às famílias junto às propriedades de seus senhores, também ocorriam (Rocha, 2005).

Em 1825, outro campo santo foi erigido na freguesia. O Cemitério da Rua do Passeio (atual Av. Bento Gonçalves) esteve em atividade até 1855 e ocupou o espaço de um quarteirão (Figura 1). Seus demais limites eram as ruas Augusta, das Flores e da Vigia (respectivamente, as atuais ruas Gal. Osório, Andrade Neves e Gal. Argolo). O lugar destinado aos mortos a partir desse momento era maior que os demais já ocupados na freguesia. Tal acontecimento permitia duas considerações. Uma positiva e outra negativa. A primeira era que um terreno maior demoraria mais para ser ocupado e ficar exausto. Não seria preciso fechar mais um campo santo e abrir outro em tão pouco tempo.

Além disso, a maior concentração de defuntos se daria no Cemitério da Rua do Passeio, visto que a Irmandade do Santíssimo Sacramento concentraria nele os enterramentos. Mas a instalação do cemitério possuía uma face negativa. A concentração de corpos nos anos seguintes a sua inauguração representava perigo à saúde dos vivos. O campo santo ficava dentro do perímetro urbano da freguesia. Quanto mais corpos recebesse, mais matéria orgânica entraria em decomposição. Com isso, mais gases seriam liberados na atmosfera da freguesia e o solo ficaria cada vez mais contaminado.

Dependendo da doença que provocou a morte, o perigo de contágio aumentaria. Mas isso não preocupava as pessoas. A Irmandade do Santíssimo Sacramento incentivava nos fregueses a ideia de que a tradição era o importante. Questões de higiene eram deixadas de lado ou nem entravam em discussão. Os enterramentos continuaram assim por muitos anos. A freguesia tornou-se Vila de São Francisco de Paula, em 7 de abril de 1832, e Cidade de Pelotas, em 27 de junho de 1835 (Arriada, 1994), e nada mudou. Os cemitérios da Igreja da Luz e da Rua do Passeio, além de concessões em outros lugares, continuaram recebendo defuntos ano após ano.

Mesmo que a mentalidade quanto aos perigos dos corpos em decomposição não vigorasse em Pelotas, isso já havia mudado na Europa e no Império brasileiro. Cemitérios como o Père-Lachaise, em 1803, na França, e o Highgate, na Inglaterra, em 1830, haviam sido construídos segundo as políticas higienistas da época (Reis, 1991). No Brasil a mentalidade também estava em transformação.

Decretos imperiais, mudanças nas legislações e estudos sobre os perigos que os corpos em decomposição acarretavam mudaram o diálogo a respeito dos cemitérios.

Assim, as transformações chegaram à cidade de Pelotas e a convivência entre vivos e mortos no perímetro urbano se modificou. A tradição deu espaço às preocupações com a saúde. A localização do Cemitério da Rua do Passeio foi vista como um problema e a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia ficou encarregada de separar vivos e mortos na segunda metade do século XIX. Tradição e saúde ficaram envoltas em um jogo de interesses que se instalou sobre a cidade, em um processo que resultou na ereção da cidade cemiterial pelotense em 1855. Fato devido à chegada da cólera na cidade, ao aumento no número de mortos e à proibição de sepultamentos junto ao perímetro urbano.

### **Da tradição à saúde**

Viver lado a lado com os mortos passou a ser motivo de desconfiança entre as pessoas durante o século XIX. Estudos vinham sendo realizados e demonstravam a problemática dessa situação. Os corpos entravam em decomposição após serem inumados e isso podia contaminar o ar, o solo e a água. Diante do perigo iminente, muitos cidadãos mudaram seu pensamento quanto aos sepultamentos e passaram a ver a tradição propagada pela Igreja Católica como algo a ser alterado. Através da mudança, a manutenção da saúde dos vivos poderia ser garantida.

No Brasil, a separação entre vivos e mortos principiou no início do século XIX. No dia 14 de janeiro de 1801, o príncipe regente de Portugal emitiu uma carta régia ao governador da província de São Paulo ordenando a escolha de um terreno para a construção de um cemitério (Loureiro, 1976). A decisão possivelmente foi um reflexo das políticas higienistas europeias que resultaram na construção do cemitério Père-Lachaise em 1803, na França. Problemas resultantes dos sepultamentos estavam em discussão e gradativamente os mortos foram expulsos do convívio com os vivos na Europa.

Mesmo com a decisão do príncipe regente, os sepultamentos continuaram no interior dos templos religiosos, em um cenário que não provocava irreverência entre a população (Kidder; Fletcher, 1941). Perpetuando a tradição, as pessoas continuaram convivendo com o ar pútrido que se instalava dentro das capelas e criava um ambiente propício à propagação das doenças. As mudanças começaram quando a Sociedade de Medicina passou a condenar as inumações dentro das igrejas através da Comissão de Salubridade Geral em 1830 (Reis, 1997).

Em Pelotas, os enterramentos no interior dos templos religiosos deixaram de acontecer em 1823. Além dos sepultamentos *ad sanctos*, as necrópoles instaladas junto aos centros urbanos também se tornaram alvo dos legisladores, amparados nos médicos para tomarem decisões. Nesse contexto, tiveram início as discussões sobre a separação entre vivos e mortos na cidade. O fato foi apoiado por uma reclamação do subdelegado aos vereadores da Câmara Municipal de Pelotas, que relatava o desleixo como os enterramentos ocorriam (Livro..., [entre 1844 e 1849]).

O assunto caiu no esquecimento e permaneceu assim por mais de um ano. No segundo semestre de 1850, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia passou a fazer parte das decisões que envolvessem a ereção do novo cemitério. Isso porque as Leis Provinciais nº 197, de 27 de novembro de 1850, e nº 199, de 5 de dezembro de 1850, determinavam que as irmandades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande passariam a ser responsáveis pela administração dos cemitérios que viessem a ser construídos nessas cidades (Legislação..., [19--?]).

Sabendo disso, a irmandade de Pelotas começou a procura por um local. Sendo uma associação religiosa, a tradição de sepultamentos junto às cidades esteve presente na escolha. A primeira opção foi um terreno próximo ao Cemitério da Rua do Passeio, pertencente a D. Ana Barcellos (Figura 2). Sem sucesso, a Santa Casa buscou outra opção (Tomaschewski, 2007). A escolha não acatava as novas decisões e a tradição era considerada mais importante que a saúde. Respeitando as determinações da Comissão de Salubridade Geral, o novo terreno ficava afastado da cidade (Figura 2) e pertencia a José

Vieira Pimenta. Contudo, suas dimensões eram pequenas e ele não foi considerado uma alternativa para a instalação do novo cemitério (Tomaschewski, 2007).

Com os insucessos da Irmandade da Santa Casa, uma comissão foi nomeada para buscar um local apropriado. Em julho de 1851 um terreno situado além das margens do Arroio de Santa Bárbara, na Estrada Manoel Alves, foi considerado apropriado e aceito para a instalação do novo cemitério (Livro..., [entre 1849 e 1861]a). Embora houvesse um consenso quanto ao local, a decisão não foi respeitada. Um jogo de disputa de interesses se instalou entre a Câmara e a provedoria da Santa Casa. As instituições utilizaram discursos a favor da saúde dos vivos para deixar a tradição de lado e atender aos seus interesses.

O impasse ocorreu quando a Câmara propôs um local no Logradouro Público para o novo cemitério (Livro..., [entre 1849 e 1861]b). Isso porque a Santa Casa não estava tendo sucesso com a compra do terreno na Estrada Manoel Alves, pertencente a Thomáz José Xavier, e o Logradouro facilitava o deslocamento dos moradores da Costa de Pelotas, do Arraial da Boa Vista e da Serra dos Tapes (Livro..., [entre 1849 e 1861]c). Entre desacordos e comunicações com a Presidência da Província, em abril de 1852 foi apresentado parecer do engenheiro Luiz Manoel Martins da Silva sobre os terrenos de Thomáz José Xavier e do Logradouro Público (Figura 3).

Demonstrando estudos sobre ventos dominantes, períodos de cheias e possíveis alagamentos, a opção dos vereadores foi considerada a mais favorável (Livro..., [entre 1849 e 1861]d). A decisão buscava a manutenção da saúde dos vivos e a garantia das determinações da Comissão de Salubridade Geral. O vice-presidente da província foi favorável ao terreno no Logradouro Público e ordenou que as negociações com o dr. Xavier fossem cessadas (Livro..., [entre 1849 e 1861]e). A Santa Casa não acatou a decisão e continuou com as negociações. A construção do novo campo santo não ocorreu de imediato.

A tradição de sepultar os corpos junto à cidade prosseguiu e o Cemitério da Rua do Passeio permaneceu em atividade. Por fim, o terreno escolhido pela Irmandade foi desapropriado em 1853 (Tomaschewski, 2007). Com 100 braças de frente e 200 de fundo – o que corresponde

a 220 metros de frente por 440 de fundo – (Medição..., 1854), o terreno (Figura 4) foi desapropriado a favor da Santa Casa. Porém nada foi feito e os sepultamentos continuaram junto à cidade.

A tradição só foi substituída pela saúde no ano de 1855, quando Pelotas vivenciou um surto de cólera que levou vários moradores à morte. Diante disso, o Delegado de Comissão de Higiene Pública da cidade pediu ao Provedor da Irmandade da Santa Casa que abrisse o novo cemitério às pressas (Livro..., [entre 1849 e 1861]f). Isso ocorreu em 23 de novembro de 1855 e as inumações cessaram na cidade. A tradição foi deixada de lado e a saúde norteou os sepultamentos em Pelotas a partir da segunda metade do século XIX.

### **Necrópole da saúde**

O surgimento do novo campo santo, administrado pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, permaneceu interrompida mesmo após cessadas as discussões e desentendimentos entre a Mesa da Provedoria e a Câmara de Vereadores. Somente com a chegada da cólera à cidade o cenário se alterou. Surgida às margens do Rio Ganges, na Ásia, a doença chegou ao Brasil e a Pelotas (Aires; Gutierrez, 2016) e garantiu que a necrópole da saúde fosse erguida e os rumos da história mortuária fossem alterados na cidade na segunda metade do século XIX.

Costumes foram revogados. A preocupação era manter a saúde dos vivos não infectados. O terreno que pertenceu ao dr. Xavier foi preparado às pressas para receber os corpos dos coléricos e evitar a propagação da doença. Isso se deu através de catacumbas que foram construídas no centro do terreno e destruídas somente após 1859 (Livro..., [entre 1855 e 1863]b). Com a abertura do novo campo santo, a Irmandade da Santa Casa iniciou a demarcação do terreno e fixou valores a serem arrecadados com serviços prestados às famílias dos defuntos. Entre eles, o aluguel de carros (carruagens puxadas por cavalos), o enterramento e a colocação de ornatos nas sepulturas (Livro..., [entre 1855 e 1863]a).

A divisão do local em quadras e lotes não foi aleatória. O primeiro espaço demarcado foi o Quadro Antigo,

e seguiu determinações já praticadas, por exemplo, no Pére-Lachaise e que foram adotadas no Brasil. Duas avenidas largas se cruzavam repartindo o local em quatro quadras. Nelas ocorria a divisão dos lotes destinados aos sepultamentos em ruas paralelas às avenidas principais (Motta, 2009), igual ao traçado da cidade, com ruas e travessas. A utilização dessas vias mais amplas procurava manter a circulação entre os túmulos e evitar o acúmulo de miasmas pútridos. A ideia dos legisladores sanitários provinha de uma solução que existia desde a Antiguidade e gerou certa discordância.

Os romanos utilizavam a organização a partir do cruzamento do *cardus maximus* e do *decumanus maximus* – ruas que formavam uma cruz e que seguiam, respectivamente, a movimentação do sol (eixo norte-sul) e o eixo do céu (eixo leste-oeste) (Rykwert, 2006; Lamas, 2000). O costume influenciado pela religiosidade e a releitura da organização da cidade romana permitiram que a tradição pudesse estar presente na necrópole da saúde. Era uma questão organizacional que facilitava o deslocamento no interior do campo santo e a comercialização de lotes pela Irmandade da Santa Casa. Mas o traçado romano também facilitava a circulação dos ventos e auxiliava a evitar a propagação de doenças.

O médico romano Oribásio defendia que as ruas deveriam ser paralelas e orientadas nos eixos norte-sul e leste-oeste para facilitar a iluminação e a propagação dos ventos, enquanto que o arquiteto romano Vitruvius dizia que as vias deveriam evitar essa orientação (Rykwert, 2006). Independentemente de seguir ou não os eixos cardiais, o paralelismo das ruas era um consenso. Isso foi propagado na organização das necrópoles e nas suas conformações nos terrenos escolhidos para suas ereções. A preocupação com a saúde no interior do campo santo se fazia presente. Com o terreno afastado do perímetro urbano, a propagação dos ventos em direção à cidade não era alvo de discussões.

A necrópole da saúde foi organizada para proteger os vivos, e utilizou outras soluções vistas na cidade da antiguidade. A conformação observada no Quadro Antigo lembrava a cidade romana também na sua forma retangular e na utilização de muralhas. Elas serviam para proteger a cidade de invasores e eram o marco inicial na

construção da urbe (Mumford, 1982). Além disso, segundo o historiador e filósofo grego Plutarco, as muralhas eram sagradas e invioláveis, e os portões da cidadela responsáveis pela transposição de mercadorias e dos corpos dos mortos (Rykwert, 2006).

Na necrópole da saúde de Pelotas não foi tão diferente. A Irmandade da Santa Casa, como administradora do campo santo, deveria ceder terrenos para as demais associações religiosas inumarem seus irmãos (Nascimento, 1987). Isso ocorreu por meio das catacumbas erguidas no entorno do quadro de sepultamentos (Figura 5). Ao invés da proteção contra possíveis invasores, as muralhas formadas pelas catacumbas protegiam os vivos da presença dos mortos, visto que estes ficavam enclausurados em uma parcela do terreno acessada apenas pelo portão.

Outra característica da cidade romana aplicada à necrópole foi o pomerium – cinturão junto às muralhas onde nada era erigido (Mumford, 1982). Ele separou os quarteirões formados pelo cardus e pelo decumanus e as muralhas de catacumbas (Figura 5), facilitando a circulação de pessoas e dos ventos. A organização de avenidas maiores se cruzando e formando quarteirões, bem como as muralhas de catacumbas, repetiu-se na urbanização do restante do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas durante os séculos XIX e XX (Figura 6). A diferença ocorreu no bairro cemiterial judeu, onde apenas uma avenida principal existia. Isso porque a tradição judaica determinava a separação entre homens e mulheres após a morte (Aires; Gutierrez, no prelo – a).

Não foi apenas na organização da necrópole da saúde que se buscou a manutenção da saúde dos vivos. Assim como nas cidades, melhoramentos urbanos faziam-se necessários. Enquanto Pelotas passava por mudanças como a instalação de chafarizes, caixas d'água, linhas de bondes, carros de aluguel, iluminação pública e água canalizada durante a segunda metade do século XIX (Gutierrez, 2004), a cidade dos mortos contemplava outras transformações. Já que a cidade de Pelotas se expandia e se aproximava do Cemitério da Santa Casa, como, por exemplo, quando da instalação do Parque Sousa Soares em 1883 (Soares, 2002), algumas reformas foram feitas.

Partes do terreno foram cercadas, zonas alagadiças foram drenadas (o que evitaria focos de miasmas,

as catacumbas foram reformadas e sua área ampliada, mais portões foram colocados, houve planos de arborização da entrada, as avenidas receberam calçamento e fornos de incineração foram construídos (Nascimento, 1987). Os melhoramentos auxiliavam no deslocamento dos vivos e evitavam que locais da necrópole da saúde pudessem se tornar foco de propagação de doenças. Mesmo com a separação entre vivos e mortos, houve a tentativa de resgate de uma tradição de enterramento. Em 1880, foi erigida a Capela de Nosso Senhor do Bonfim (Figura 7 – a) com doações de d. Zeferina Gonçalves da Cunha. Ela fez a doação para ser ali inumada após a sua morte (Nascimento, 1987).

Ela foi enterrada no interior da capela (Figura 7 – b) como já havia ocorrido na cidade de Pelotas e em outras no Brasil, mas o local deixou de ser utilizado para práticas religiosas após um incêndio, mesmo com sua reforma e reinauguração (Nascimento, 1987). O possível resgate do sepultamento *ad sanctos*, condenado pela Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Brasil não se concretizou. A capela tornou-se um monumento funerário e acabou sendo fechada pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Com isso, a necrópole da saúde prevaleceu sobre a necrópole da tradição e manteve vivos e mortos separados.

### **Considerações finais**

A partir do estudo das variações sobre os locais de sepultamento no Brasil durante o século XIX, foi possível verificar como isso ocorreu em Pelotas e classificar os campos santos em duas categorias. Uma esteve ligada às tradições perpetuadas pela igreja durante séculos e que mantiveram os mortos juntos ou próximos aos vivos. A outra representou uma mudança na visão das pessoas e a preocupação com a saúde passou a ter mais importância. Com isso, determinações sobre como e onde os mortos deveriam ser inumados foram seguidas após a chegada da cólera em Pelotas.

A necrópole da tradição, primeira categoria identificada, representou quatro campos santos. O cemitério da Santa Cruz, localizado próximo à Freguesia de São Francisco de Paula, recebeu sepultamentos que

perpetuavam a tradição de inumar os mortos junto aos vivos. Conduzido pelas Irmandades Religiosas, sob o comando do Santíssimo Sacramento, esse costume colocava em risco a saúde dos vivos por meio de possíveis transmissões de doenças a partir da decomposição dos corpos. Mas essa não era uma preocupação vigente e se repetiu durante anos.

A tradição de sepultamentos no perímetro urbano também ocorreu em outros cemitérios como o da Igreja Matriz, o da Igreja da Luz e o da Rua do Passeio. Em todos eles a saúde era deixada de lado e a tradição era o mais importante. Além desse costume, o de sepultar os mortos no interior da igreja também se fez presente entre os anos de 1814 e 1823. Em todos os casos, os vivos ficavam em contato com os miasmas pútridos dos mortos e sujeitos a doenças. Isso mudou quando a preocupação com as contaminações geradas pela decomposição dos corpos passou a acontecer.

A necrópole da saúde, segunda categoria contemplada, constituiu-se a partir de determinações que influenciaram a organização das cidades e fizeram com que os mortos fossem afastados dos vivos. A preocupação se deu em evitar o contato com corpos em decomposição. Isso levou à releitura de soluções utilizadas por outras civilizações e que auxiliaram na conformação do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Avenidas largas e ruas paralelas a elas foram traçadas. Melhoramentos e outras atitudes para garantir a saúde dos vivos quando fossem à necrópole foram postos em prática.

Mesmo que uma tentativa de resgatar um costume dentro da necrópole da saúde tenha ocorrido em Pelotas, a necrópole da tradição deixou de existir após a chegada da cólera na cidade. As mudanças pelas quais os espaços dedicados aos mortos passaram representaram uma transformação no pensamento dos legisladores e dos moradores das cidades. A tradição há muito propagada pela igreja foi gradativamente deixada de lado até que deixou de ser praticada e abriu espaço para a manutenção da saúde dos vivos a partir do século XIX.

## Referências

AIRES AP, GUTIERREZ EJB. **A instalação da cidade cemiterial em Pelotas no século XIX**. Anais do 18º Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas; 2016 set. 26-30; Pelotas, Brasil. Pelotas: UFPEL; 2016. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/enpos/anais/anais2016/>

\_\_\_\_\_. **Cemitério Israelita – um bairro de tradição judaica na cidade cemiterial católica de Pelotas**. Anais do 19º Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas; 2017 nov. 20-24; Pelotas, Brasil. Pelotas: UFPEL; no prelo.

\_\_\_\_\_. **Irmandades Religiosas – decisões sobre os sepultamentos e as necrópoles de Pelotas-RS**. Anais do 4º Encontro de Pesquisas Históricas da PUCRS; 2017 ago. 08-10; Porto Alegre, Brasil. Porto Alegre: PUCRS; no prelo.

ARIÈS P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2012.

ARRIADA E. **Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano**. Pelotas: Armazém Literário; 1994.

BETEMPS LR, JACCOTTET AMM. **Povoadores de Pelotas-RS: Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1825)**. Pelotas: Santa Cruz; 2009.

\_\_\_\_\_. **Povoadores de Pelotas-RS (1825-1855)**. Pelotas, no prelo.

CUNHA, AC. **Cemitérios da Cidade de Pelotas: Santa Cruz, Recinto da Igreja, Detrás da Igreja, N. S. da Luz, Rua do Passeio, Estrada do Fragata**. [19--]. Localizado na: Biblioteca Pública Pelotense [BPP], Centro de Documentação e Obras Valiosas [CDOV], Fundo Alberto Coelho da Cunha [FACC], Pelotas, Brasil; ACC-002.

\_\_\_\_\_. **Cidade de Pelotas**. [19--]. Localizado na: BPP, CDOV, FACC, Pelotas, Brasil; ACC-002.

GUTIERREZ, EJB. **Barro e sangue: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888**. Pelotas: UFPel; 2004.

\_\_\_\_\_. **Negros, charqueadas & olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 3. ed. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo; 2011.

**Imagem de satélite do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.** 2012. Localizada na: Prefeitura Municipal de Pelotas [PMP], Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana [SMGCMU], Pelotas, Brasil.

KIDDER DP, FLETCHER JC. **O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo.** V. 2. São Paulo: Nacional; 1941.

LAMAS JMRG. **Morfologia Urbana e desenho da cidade.** 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2000.

**Legislação Provincial e Estadual 1846-1922,** [19-?]. Localizada no: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

**Livro de Atas da Câmara Municipal de Pelotas. Ata do dia 12 de janeiro de 1849.** [entre 1844 e 1849]. Localizado na: BPP, CDOV, FACC, Pelotas, Brasil.

\_\_\_\_\_. **Ata do dia 30 de julho de 1851.** [entre 1849 e 1861]. Localizado na: BPP, CDOV, FACC, Pelotas, Brasil.

\_\_\_\_\_. **Ata do dia 17 de janeiro de 1852.** [entre 1849 e 1861]. Localizado na: BPP, CDOV, FACC, Pelotas, Brasil.

\_\_\_\_\_. **Ata do dia 31 de janeiro de 1852.** [entre 1849 e 1861]. Localizado na: BPP, CDOV, FACC, Pelotas, Brasil.

\_\_\_\_\_. **Ata do dia 21 de abril de 1852.** [entre 1849 e 1861]. Localizado na: BPP, CDOV, FACC, Pelotas, Brasil.

\_\_\_\_\_. **Ata do dia 26 de junho de 1852.** [entre 1849 e 1861]. Localizado na: BPP, CDOV, FACC, Pelotas, Brasil.

\_\_\_\_\_. **Ata do dia 13 de novembro de 1852.** [entre 1849 e 1861]. Localizado na: BPP, CDOV, FACC, Pelotas, Brasil.

**Livro de Atas do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Ata do dia 26 de novembro de 1855.** [entre 1855 e 1863]. Localizado na: Santa Casa de Misericórdia de Pelotas [SCMP].

\_\_\_\_\_. **Ata do dia 4 de agosto de 1859.** [entre 1855 e 1863]. Localizado na: SCMP.

Loureiro MAS. **Origem histórica dos cemitérios.** São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura Municipal de São Paulo; 1976.

**Mapa Urbano Básico de Pelotas. 2017.** Localizado na: PMP, SMGCMU, Pelotas, Brasil.

MARX M. **Cidade no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Nobel; 1991.

MASTROMAURO GC. Alguns aspectos da saúde pública e do urbanismo higienista em São Paulo no final do século XIX. **Caderno de História da Ciência** [online]. 2010, vol. 6, n. 2 [acesso 12 jan. 2018], pp. 45-64, Disponível em: [http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-76342010000200004-ê&lng=pt&nr=iso](http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342010000200004-ê&lng=pt&nr=iso). ISSN 1809-7634.

**Medição do Terreno de Thomáz José Xavier, 1854.** Localizada na: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Fundo Comarca de Rio Grande, Porto Alegre, Brasil; PJ005, estante 140C, caixa 06.119, Cartório Civil e Crime, Autos n. 615.

MOTTA A. **À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros.** Recife: Massangana; 2009.

MUMFORD L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1982.

NASCIMENTO HA. **Arcaz de Lembranças.** Porto Alegre: Martins Livreiro; 1982.

\_\_\_\_\_. **Santa Casa de Misericórdia de Pelotas: histórico comemorativo aos 140 anos.** Pelotas: Santa Casa de Misericórdia de Pelotas; 1987.

**Planta de 1815.** Localizado na: BPP, CDOV, Pelotas, Brasil; Livro de registros de prédios e terrenos do município de Pelotas.

**Planta da cidade de Pelotas de 1835.** Localizada na: PMP, SMGCMU, Pelotas, Brasil.

REIS JJ. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras; 1991.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: RODRIGUES C. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura; 1997. p. 11-15.

ROCHA MABB. **Transformações nas práticas de enterramento: Cuiabá 1850-1889.** Cuiabá: Central do Texto; 2005.

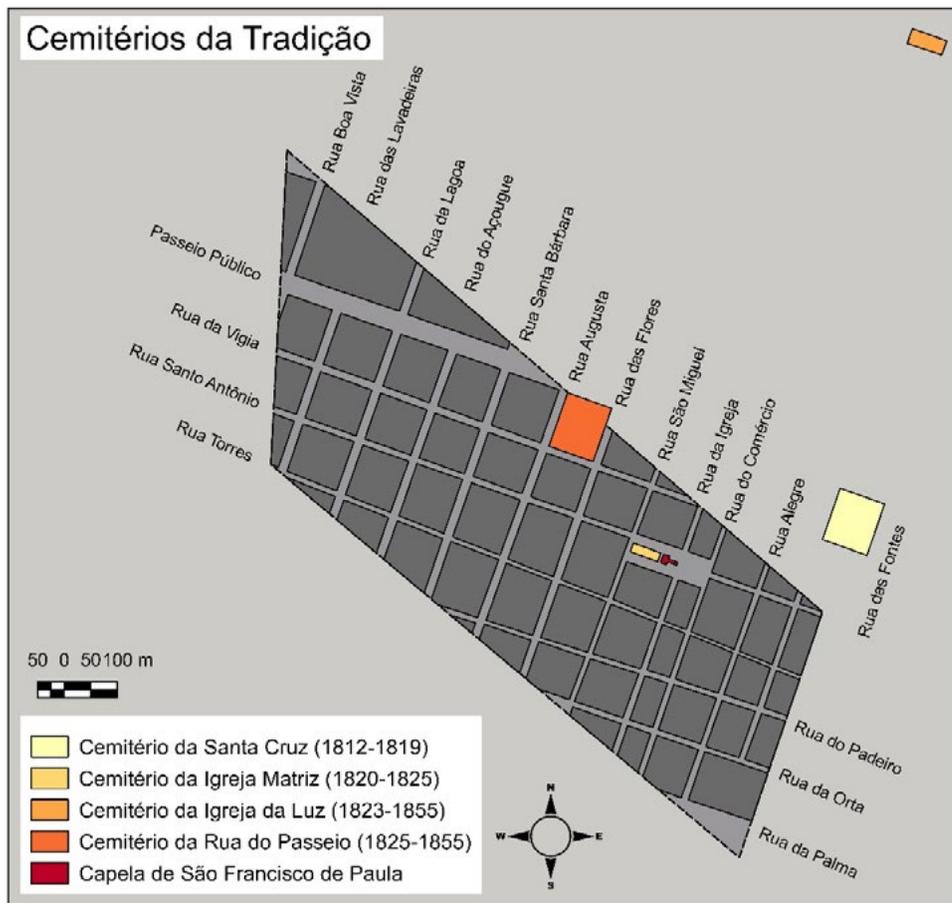
**RYKWERT J. A ideia da cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo.** São Paulo: Perspectiva; 2006.

**SOARES PRR. Del proyecto urbano a la producción del espacio: morfología urbana de la ciudad de Pelotas, Brasil (1812-2000)** [tese]. Barcelona: Universidade de Barcelona; 2002.

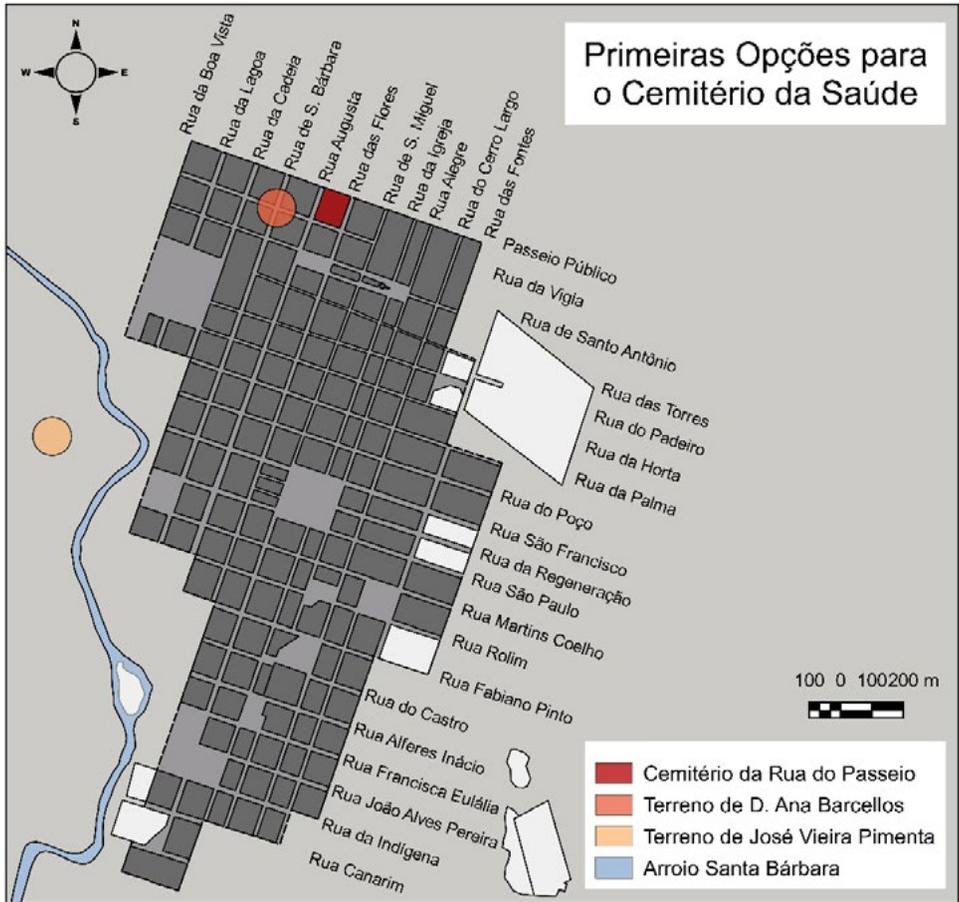
**TOMASCHEWSKI, C. Caridade e filantropia na distribuição da assistência: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas-RS (1847-1922)** [dissertação]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2007.

Data de recebimento: 30/10/2017

Data de aprovação: 22/03/2018



**Figura 1.**  
Localização dos Cemitérios da Tradição. Fonte: Elaborado por Anderson Pires Aires com base na Planta de 1815, no Mapa Urbano Básico [MUB] de Pelotas (2017) e em Cunha ([19--]a). 2017.



**Figura 2.**  
 Primeiras opções da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Fonte: Elaborado por Anderson Pires Aires com base na Planta da Cidade de Pelotas de 1835, no MUB de Pelotas (2017) e em Nascimento (1987). 2017.

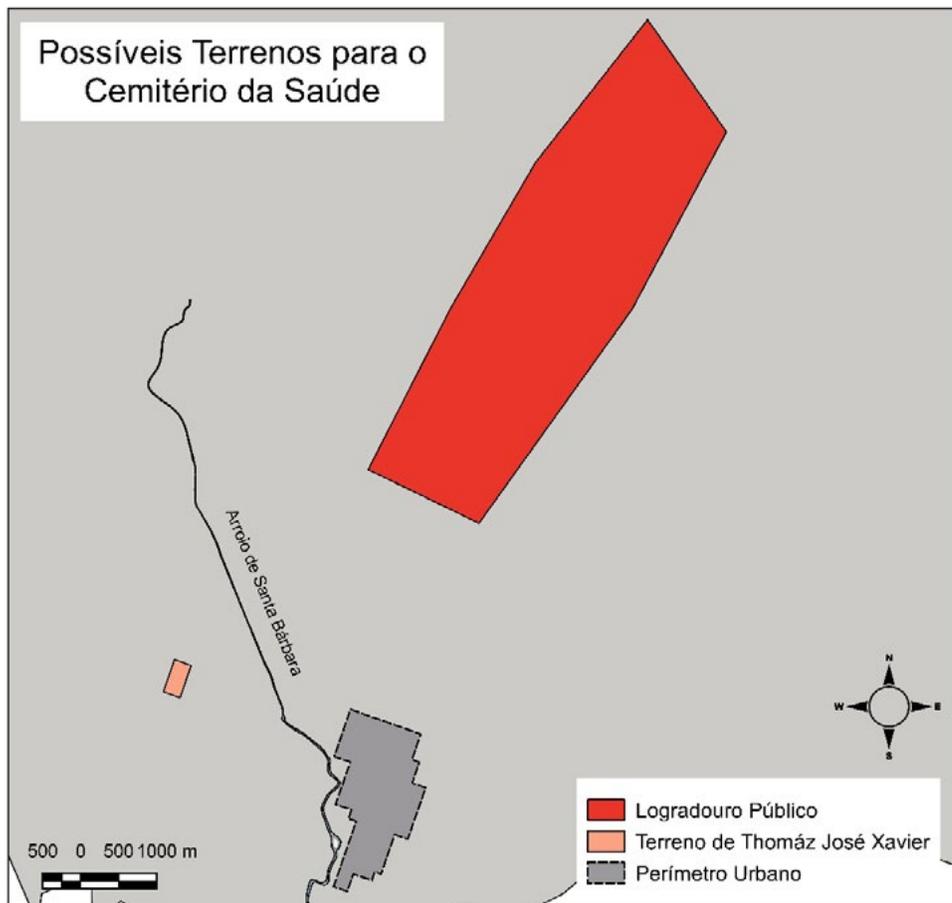
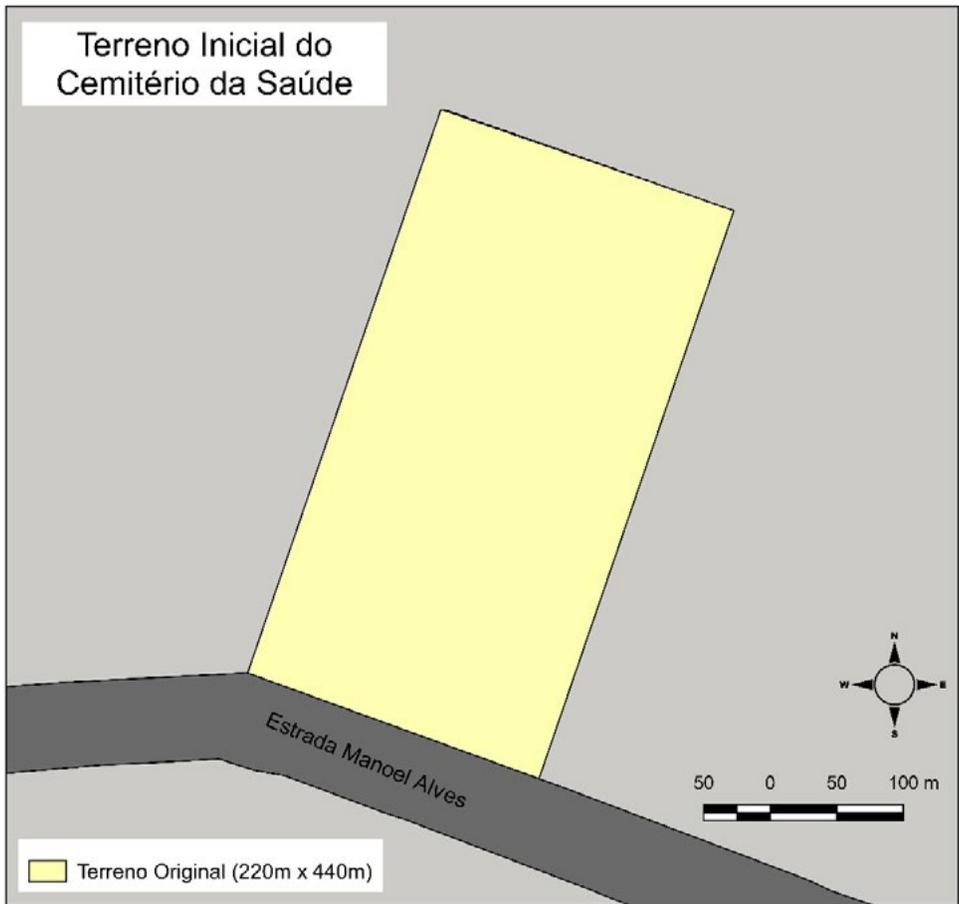


Figura 3. Terrenos de Thomáz José Xavier e do Logradouro Público. Fonte: Elaborado por Anderson Pires Aires com base na Planta da Cidade de Pelotas de 1835, no MUB de Pelotas (2017), em Nascimento (1987) e em Gutierrez (2011). 2017.



**Figura 4.**  
Terreno de Thomáz José Xavier. Fonte:  
Elaborado por Anderson Pires Aires  
com base no MUB de Pelotas (2017)  
e na Medição do Terreno de Thomáz  
José Xavier (1854). 2017.

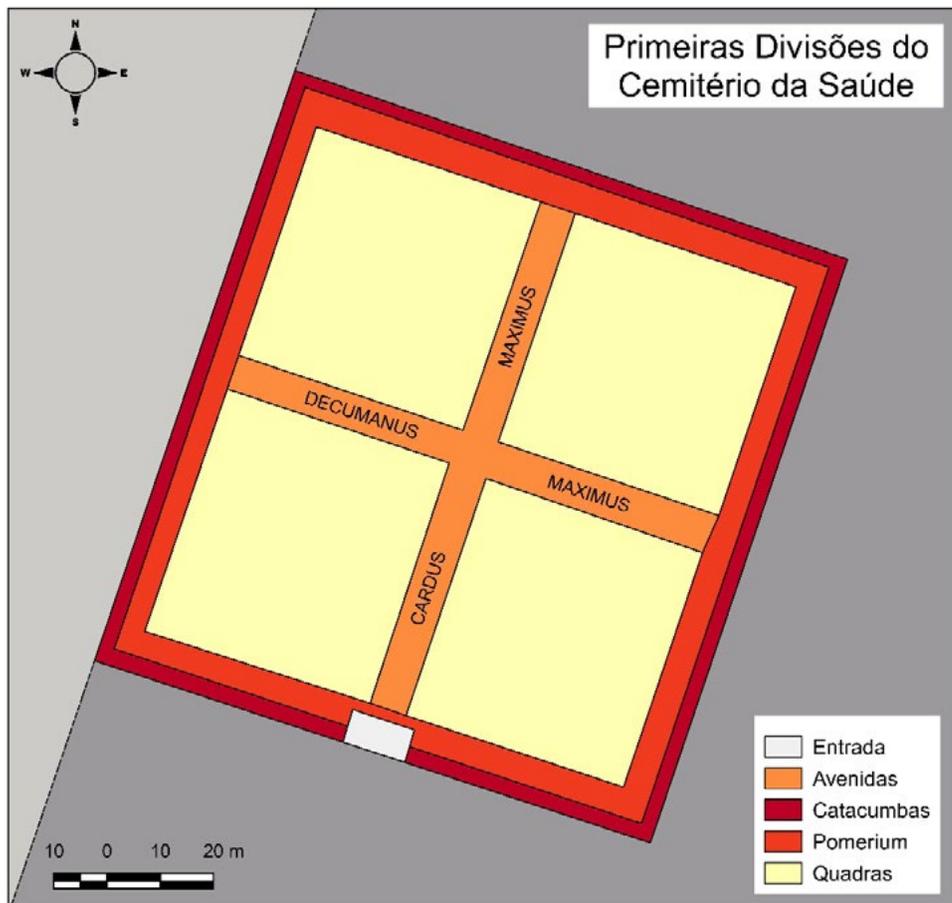
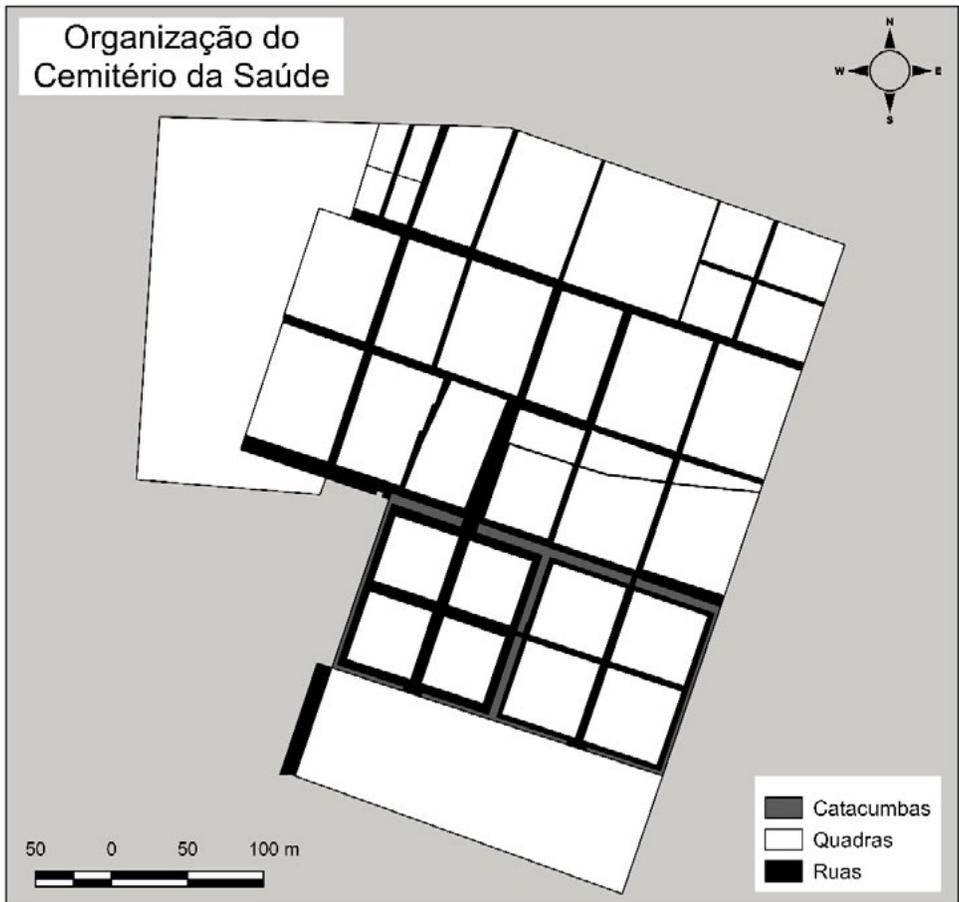


Figura 5. Muralha de catacumbas, pomerium e avenidas formadas pelos cardus e decumanus maximus. Fonte: Elaborado por Anderson Pires Aires com base no MUB de Pelotas (2017) e na imagem de satélite do Cemitério da Santa Casa (2012). 2017



**Figura 6.**  
Organização do Cemitério da Saúde.  
Fonte: Elaborado por Anderson Pires  
Aires com base no MUB de Pelotas  
Aires (2017) e na imagem de satélite do  
Cemitério da Santa Casa (2012). 2017.



Figura 7a.  
Capela de Capela de Nosso Senhor  
do Bonfim (a) e túmulo de d. Zeferina  
Gonçalves da Cunha (b). Fonte:  
Acervo pessoal de Anderson Pires  
Aires. 2017.



Figura 7b.  
Capela de Capela de Nosso Senhor do Bonfim (a) e túmulo de d. Zeferina Gonçalves da Cunha (b). Fonte: Acervo pessoal de Anderson Pires Aires. 2017.